

## O Partido dos Trabalhadores – trajetória, metamorfoses, perspectivas

Daniel Aarão Reis

Professor Titular de História Contemporânea, Núcleo de Estudos Contemporâneos/NEC, Universidade Federal Fluminense/UFF

### 1. A gênese

Quando, em maio de 1978, os operários das indústrias automobilísticas de São Bernardo resolveram entrar em greve, demonstrando ousadia e coragem, desafiando a vontade dos patrões e a legislação vigente, poucos imaginariam que ali estava se iniciando um processo que levaria à formação do Partido dos Trabalhadores/PT.

Entretanto, como em todas as realizações humanas de sucesso, as origens do Partido dos Trabalhadores/PT suscitam controvérsias.

A contribuição, e o peso decisivo, dos movimentos operários de fins dos anos 70 e de suas lideranças, então emergentes, são indiscutíveis. Certo, em retrospecto, os juízos e as expectativas que então se formularam talvez possam ser considerados exagerados. As transformações radicais que muitos intelectuais e militantes revolucionários presumiram como inevitáveis acabaram não acontecendo. Da mesma forma, com o passar dos anos, o chamado *novo sindicalismo* (ou sindicalismo *autêntico*) pareceria, cada vez mais, enraizado em *velhas* tradições, não fosse ele próprio produto de uma cultura política forjada no interior de estruturas sindicais corporativas engendradas ainda nos anos 1940.

Tudo isto é verdade, mas, mesmo assim, é impossível diminuir a importância histórica das ondas de choque das lutas sociais e políticas que se estenderiam, de modo surpreendente e ininterrupto, ao longo dos anos seguintes, entrando pela década de 1980, e projetando os trabalhadores brasileiros, naqueles anos, como dos mais combativos em escala mundial<sup>1</sup>. A ditadura estava em franco declínio, seu aparelho repressivo, ainda intacto, e embora em atividade, intimidava cada vez menos. Mesmo entre as elites, principalmente entre elas, talvez, prevaleciam as tendências favoráveis à democratização do país. O contexto internacional também ajudava: o triunfo da revolução sandinista, em 1979; o declínio das ditaduras nas Américas ao sul do Rio Grande; e a

---

<sup>1</sup> Nos anos 80, apenas os trabalhadores poloneses, construindo o Solidariedade, um misto de partido e de sindicato, ofereceriam um exemplo comparável de disposição de luta por melhores condições de vida e de trabalho e contra a opressão e a ingerência soviéticas. Para as origens do PT, cf. Berbel, 1991; Gadotti, 1989; Keck, 1991; Meneguello, 1989; e Voigt, 1990

própria atitude do governo Carter nos EUA, que via com bons olhos o declínio dos regimes ditatoriais, desde que substituídos em boa ordem, e pelo alto, tudo isto favorecia propostas alternativas fundadas na imaginação e na criatividade.

Foi num contexto como este que se estruturou o PT, ganhando rapidamente notoriedade os nomes dos líderes sindicais que, desde meados de 1978, iriam se decidir pela sua construção: Luis Inácio Lula da Silva,<sup>2</sup> José Cicote, Henos Amorina, presidentes dos sindicatos de Metalúrgicos de São Bernardo, Santo André e Osasco; Paulo Skromov, do sindicato dos coureiros; Jacó Bitar, dos petroleiros de Campinas; Olívio Dutra, dos bancários de Porto Alegre; entre muitos outros, estes, principalmente, cedo deponteriam como lideranças de um partido distinto e específico, de trabalhadores, para se opor à tradição de partidos que pretendiam falar em nome e pelos trabalhadores.

Entretanto, não estariam só nesta aventura.

Também desde o início, tomaram parte na iniciativa grupos revolucionários trotskistas, entre os quais, e principalmente, a Convergência Socialista, além de grupos remanescentes de organizações que haviam participado da luta contra a ditadura militar: Ala Vermelha do Partido Comunista do Brasil/Ala-PC do B, Ação Libertadora Nacional/ALN, Ação Popular Marxista-Leninista/AP-ML, Partido Comunista Brasileiro Revolucionário/PCBR, Movimento de Emancipação do Proletariado/MEP, todos ingressariam nas articulações que deram origem ao PT. Tendo sido derrotados em suas propostas de enfrentamento radical da ditadura (guerrilha urbana, foco guerrilheiro, insurreições de massa), e, em larga medida, redefinido concepções e métodos de trabalho, encontravam-se em processo de reestruturação desde os começos da segunda metade dos anos 70.<sup>3</sup> Para toda esta gente, a fundação de um partido de trabalhadores pelos próprios trabalhadores representava a atualização de uma antiga utopia revolucionária, enunciada, e anunciada, desde o Manifesto Comunista de K. Marx, de 1848: a emancipação do proletariado haveria de acontecer por obra e graça dos próprios proletários. Um partido *independente* do jogo e das instituições legais, livre da tutela do Estado e das lideranças *burguesas*, que sempre haviam dominado o jogo político nacional, distinto também das principais tradições que haviam animado as lutas sociais e políticas dos trabalhadores brasileiros: o trabalhismo e o comunismo, acusados de

---

<sup>2</sup> Sobre Lula, cf. especialmente, Betto, 1989; Luis Inácio Lula da Silva, 1980 e 1981; Morel, 1981; Paraná, 1996

<sup>3</sup> Em relação à participação das organizações e partidos revolucionários na formação do PT, cf. Azevedo, 1981; Azevedo e Maués, 1997; Guimarães, 1990; Sader, 1986 e Souza, 1995

serem artífices de derrotas e, principalmente, de terem atrelado os trabalhadores a causas e a propósitos *populistas*<sup>4</sup> e *burgueses*.

Finalmente, uma terceira componente participaria igualmente da formação do novo Partido: os militantes da esquerda católica.<sup>5</sup> Nas bases da sociedade, tinham sido eles agentes da verdadeira reviravolta registrada por importantes setores da Igreja Católica que, de uma posição favorável, ou neutra, à intervenção golpista de 1964, evoluíram, progressivamente, para a crítica e, depois, para o confronto com a ditadura militar. Organizavam-se nas *comunidades eclesiais de base*, as CEBs, que se espalhavam, dezenas de milhares, pelo país, animadas, muitas, pela fé militante da *teologia da libertação*, doutrina que tinha a ambição de elaborar uma síntese revolucionária anti-capitalista entre cristianismo e marxismo. Num crescendo, tais atitudes e idéias seriam incorporadas, e potencializadas, pela Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros/CNBB que exprimiria de modo articulado, e com repercussão nacional e internacional, críticas contundentes ao modelo econômico construído pelo regime militar, denunciado como injusto, desigual, opressivo e desumano.<sup>6</sup>

Assim, na fundação do PT, em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion, em São Paulo, encontraram-se reunidas, de mãos dadas, em aliança, lideranças sindicais *autênticas*, revolucionários marxistas-leninistas e militantes cristãos radicais.

Um encontro inusitado.

No fogo das lutas sociais, entre assembléias, movimentos e greves, tinham sido vencidos os questionamentos dos que desejavam manter a *frente política* em que se transformara o Movimento Democrático Brasileiro/MDB, argumentando que a *frente* deveria ser mantida até o último suspiro da ditadura militar, cujas legislações, o chamado *entulho autoritário*, apesar da revogação do Ato Institucional nº 5/AI-5 e dos demais Atos de exceção, ainda obstruíam os caminhos da democracia brasileira. Fundar um novo partido popular não contribuiria para enfraquecer o MDB, fazendo o jogo da ditadura?

---

<sup>4</sup> Para a discussão deste conceito, consolidado por uma certa sociologia paulista, e de grande impacto nas ciências humanas e na política brasileiras, cf. Ângela de Castro Gomes: *A invenção do trabalhismo*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, e Jorge Ferreira (org.) *O populismo, história de um conceito*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001

<sup>5</sup> Cf. Azevedo e Maués, 1997, especialmente o depoimento de Madre Cristina, p. 171, 1989

<sup>6</sup> Numa notável metamorfose, a CNBB, que abençoara a vitória da ditadura em 1964, e participara ativamente do processo de organização e de mobilização das Marchas da Família com Deus e pela Liberdade, desde fins dos anos 60, iniciara uma lenta mudança de pele, tornando-se, ao longo dos anos 70, uma entidade de oposição aos governos ditatoriais que se sucederam no país, e, principalmente, de oposição e denúncia do modelo de desenvolvimento do mal chamado “milagre brasileiro”, designação então corrente dos “anos de ouro” – fins dos anos 60 e inícios dos anos 70, quando o país viveu momentos de intensa prosperidade econômica. Para uma análise da Teologia da Libertação, cf. M. Lowy, 2000.

Os velhos Partidos Comunistas – o *Brasileiro* e o *do Brasil* –, do alto de sua experiência, reforçavam os argumentos neste sentido: seria uma inconsequência, no momento delicado da última fase da transição democrática, alquebrar o MDB, o principal instrumento que, mal ou bem, fora construído pela sociedade brasileira em suas lutas contra a ditadura.

Por outro lado, apareciam acenando no cenário político diversas alternativas, sedutoras e persuasivas. De um lado, a da construção de um partido socialista democrático, em que se empenhavam figuras políticas de prestígio e de tradição, como Almino Afonso, experiente e respeitado líder político da esquerda trabalhista anterior a 1964, Fernando Henrique Cardoso, eleito em 1978, com apoio das lideranças operárias de São Bernardo, suplente de senador na chapa encabeçada por Franco Montoro, além de outros deputados e lideranças *autênticas* do MDB.<sup>7</sup> De outro, a proposta de Leonel Brizola, lançada ainda do exílio, em Lisboa, em 1979, antes da anistia, quando refundara o Partido Trabalhista Brasileiro/PTB, conservando, mas, ao mesmo tempo, atualizando, a tradição trabalhista, associando-a agora ao socialismo democrático europeu e a temáticas e a reivindicações novas, que passariam, desde então, a agitar as esquerdas brasileiras: o racismo na sociedade, a criança marginalizada e abandonada, a opressão da mulher, a questão, considerada decisiva, da educação. Era o *socialismo moreno*, aberto às realidades concretas do Brasil, potencializado pela notável capacidade de comunicação de Brizola.

Contra estes ventos e marés, apesar deles, firmou-se a proposta de fundação e construção do PT, empreendida, como já referido, por forças diferenciadas. Como explicar esta articulação que, em outras circunstâncias, poderia parecer improvável, mas que se formara, no simbólico Colégio Sion, e agora estavam ali, celebrando o inesperado, o indesejado, e o imprevisto, tanto pelas elites que haviam imaginado a *distensão* “lenta, segura e gradual”, como pelas esquerdas tradicionais.

Promovê-la não fora fácil, nem simples.

Houve concessões mútuas. As lideranças sindicalistas, pelo seu papel protagônico nas lutas sociais, reconhecidas, a justo título, como hegemônicas, ganharam a presidência, a maioria dos cargos e os principais postos na primeira comissão provisória dirigente<sup>8</sup>. Foi necessário passar ao largo de, ou esquecer, certas derrapagens, declarações imprecisas ou tiradas francamente estranhas às tradições de esquerda, atribuídas à *inexperiência* ou à *franqueza proletária* dos líderes operários,

---

<sup>7</sup> O MDB *autêntico* remontava aos anos 70, reunindo então um grupo de deputados que, embora participando do jogo político legal, recusava atitudes subservientes à ditadura militar. Foram freqüentemente perseguidos e, alguns, cassados, por suas atitudes e idéias independentes, consideradas pela ditadura como *contestatórias*, um jargão repressivo da época para designar um tipo intolerável de oposição. Com a eleição de Franco Montoro, em 1982, governador de São Paulo, Fernando Henrique Cardoso assumiria o cargo de Senador pelo Estado de São Paulo.

<sup>8</sup> Luis Inácio Lula da Silva foi eleito presidente. Jacó Bittar (petroleiros de Campinas), Secretário Geral, e Olívio Dutra (bancários de Porto Alegre), vice-presidente.

entre os quais o próprio Lula<sup>9</sup>. Atitudes inesperadas também chamavam a atenção dos mais críticos, entre as quais uma irrecusável alergia ao debate político. Por outro lado, foi evacuada a questão maior de saber como, de estruturas corporativistas, que vinham de longe, e que forjavam líderes carismáticos, verticais e centralistas, além de adeptos da negociação, e não do enfrentamento, haviam surgido lideranças *novas e autênticas*, e, ainda por cima, adeptas de mudanças radicais.

Entretanto, não houve rendição unilateral às lideranças sindicais. Estas igualmente renderam-se à retórica revolucionária, que impregnou a atmosfera, o ato e os textos de fundação. A dimensão internacionalista, a independência *de classe*, o anti-capitalismo explícito, o compromisso, convenientemente impreciso, com o socialismo, era o Verbo revolucionário cumprindo a função de silenciar os ruídos que poderiam advir de outras imprecisões, obscuridades e pontos cegos.

Por exemplo: o partido declarava-se socialista, mas que tipo de socialismo exatamente pretendia? E através de que meios? Reforma ou revolução? E de que formas de luta? Pressões e movimentos sociais? Lutas institucionais? E a atitude em relação aos marcos legais? Respeito escrupuloso, ou infração, se, e quando, fosse o caso? Como se combinariam na prática a unidade de ação e a pluralidade de tendências constituintes? Como funcionaria a democracia interna? Questões candentes, não resolvidas cabalmente no ato de fundação.

Outras lacunas iam sendo preenchidas com os meios de bordo. A teologia da libertação fazia a ponte entre marxistas e cristãos. O chamado *consenso progressivo*, defendido pelos militantes das CEBs, remediava as múltiplas contradições. Era necessário debater até alcançar o consenso. Mas a *prática* das lutas sociais em curso aglutinavam todos em torno dos líderes sindicais. E as antigas utopias cimentavam as esperanças naquele partido original, cheio de força jovem.

Quanto às diferenças, visíveis, foram caracterizadas como pluralidade de veios, fontes de vida, e de força. Como acontece nestas circunstâncias, fez-se da necessidade, virtude. O PT não se deixaria emaranhar na tradição deletéria das esquerdas brasileiras, dividindo-se em torno de abstrações, ou de questões políticas gerais. As diferenças seriam equilibradas na prática, as respostas às grandes questões viriam da e na luta.

Na apinhada assembléia do Colégio Sion, a emocionante chamada de intelectuais e militantes experimentados e respeitados para assinar a ata de fundação era o emblema da união das diferentes *famílias* de esquerda: os trotskistas Mario Pedrosa e Lelia Abramo, o socialista Antonio Candido, o comunista Apolônio de Carvalho, os cristãos Paulo Freire e Plínio de Arruda Sampaio. As lideranças sindicais, *novas e autênticas*, legitimadas pela tradição intelectual revolucionária.

---

<sup>9</sup> Cf. Azevedo e Maués, 1997, especialmente o depoimento de L. Abramo sobre Lula, pp. 79, 80 e 82

Para alguns críticos, havia ali um ecletismo insustentável, de curto fôlego. Mas para os mais entusiasmados, estava nascendo o primeiro partido socialista do século XXI.

## 2. As metamorfoses

Os anos 80 no Brasil, com ênfase em sua primeira metade, foram, como referido, anos de grande efervescência social. Como se a retirada da ditadura houvesse liberado forças represadas que, agora, exercendo liberdades por longo tempo coartadas, manifestavam com vigor demandas e reivindicações. Movimentos e greves multiplicavam-se incessantemente, aparecendo em quase todos, como protagonistas, os militantes e as lideranças do PT. De modo geral, as lutas eram de caráter sindical, mas não raro, efeito sobretudo da ação de grupos revolucionários, despontavam propostas ou palavras de ordem políticas anti-capitalistas.

Com epicentro na periferia industrial próxima da cidade de São Paulo (São Bernardo, Santo André, São Caetano do Sul, Diadema – o ABCD), os movimentos sociais rapidamente se alastraram, ganhando a capital do Estado, outras periferias (Osasco), e demais cidades e estados do país. Como expressão forte do processo, formou-se, em 1983, a Central Única dos Trabalhadores/CUT, aliada sindical do PT, embora autônoma do ponto de vista orgânico.<sup>10</sup>

O vigor efetivo dos movimentos sociais levou muitos a afirmarem que este deveria ser o eixo principal de articulação e organização do PT. Nesta perspectiva as lutas político-eleitorais deveriam ocupar um lugar subordinado e auxiliar, aparecendo os deputados e vereadores eleitos como um *braço parlamentar* dos movimentos sociais.

Em 1982, no entanto, na primeira experiência eleitoral, o PT demonstrou um apetite formidável para alcançar, através do voto, postos e posições em assembleias e governos de Estado. Lançou candidatos ao governo de quase todos os Estados da Federação, assim como centenas de militantes, por toda a parte, candidatavam-se a assentos nos diversos parlamentos – municipais, estaduais e federais – câmara e senado.

Os resultados, considerando-se a inexperiência e a falta de recursos e de tradição, não foram medíocres. O PT elegeu oito deputados federais, 12 estaduais e 117 vereadores em todo o país, além

---

<sup>10</sup> A crítica, propagada pelos que não aceitaram a criação do PT, segundo a qual a CUT não passava de um *braço sindical* do Partido, pressupunha uma espécie de subordinação política dos sindicatos ao partido, o que, de fato, não existia, prevalecendo, isto sim, uma identidade de interesses no quadro de uma aliança política e sindical. Por outro lado, sobretudo em seus inícios, inúmeros líderes sindicais eram também líderes políticos do Partido. Se preponderância houve então foi a dos líderes sindicais no partido. Mas também seria um exagero inverter a fórmula, figurando o PT como *braço político* da CUT.

de alcançar importantes votações para os governos dos Estados, destacando-se a votação de Lula, embora derrotado, para o governo do Estado de São Paulo.<sup>11</sup>

Um início alentador, embora muitos, na época, tivessem ficado decepcionados, por terem formulado expectativas demasiadamente ambiciosas, ou relativamente frustrados, por terem sido superados pelos dois partidos herdeiros da tradição trabalhista: o PDT e o PTB.<sup>12</sup>

Na época, analistas apressados, mesmo entre os petistas, chegaram a vaticinar que PT estaria destinado a ser um Partido fraco em termos político-eleitorais, embora com respaldo social de grande expressão.

Era exatamente isto o que desejavam as correntes mais radicais, entre as quais destacava-se a Convergência Socialista, tendência trotskista militante, mais interessada nos confrontos sociais do que nos jogos institucionais que se desenrolavam nos plenários acarpetados das câmaras e assembléias.

Em 1984-1985, um processo de grande envergadura tomaria corpo – a campanha das *Diretas Já*.<sup>13</sup> A luta por eleições diretas imediatas para a presidência da república, quebrando a instituição das eleições indiretas, estabelecidas pela Ditadura através de ato de força, ainda em 1964, empolgou a sociedade, mesmo que, a princípio, tivesse sido recusada pelos conservadores e mesmo pelos políticos considerados *realistas*. O viés anti-ditatorial, o caráter de massas, a participação das esquerdas na liderança do processo, onde se destacava o PT, levaram a que importantes setores da grande mídia, inclusive, se permitissem boicotá-la em toda uma primeira fase, rendendo-se, num momento seguinte, afinal, à evidência das multidões que participavam ativamente das concentrações e comícios, cada vez mais gigantescos<sup>14</sup>.

Para o PT a campanha foi de extraordinária importância. De um lado, porque o Partido a assumiu desde o início, engajando-se nela com grande decisão e entusiasmo. Assim, quando ela cresceu, e se tornou maciça, foi o PT que mais se beneficiou com os dividendos políticos daí

---

<sup>11</sup> Os dados referidos, e os demais que o serão abaixo, salvo indicação em sentido contrário, foram extraídos de André Singer, 2001

<sup>12</sup> Intrigas palacianas e jogadas jurídicas acabaram retirando de L. Brizola o controle da sigla histórica do Partido Trabalhista Brasileiro/PTB, refundado sob sua liderança em Lisboa, ainda em 1979. O nome ficou com Ivete Vargas, sobrinha de Getúlio e líder política tradicional em São Paulo. Brizola, sem recursos, optou por atribuir ao partido que já se formara, liderado por ele, um novo nome, Partido Democrático Trabalhista/PDT.

<sup>13</sup> A campanha começou de fato em novembro de 1983, quando houve o primeiro grande comício pelas Diretas-Já, no estádio do Pacaembu, sob o mote: “Presidente, quem escolhe é a gente”.

<sup>14</sup> Em abril de 1984, cerca de 1,5 milhão de pessoas se reuniram pelas Diretas-Já no Vale do Anhangabaú.

advindos, embora outros políticos e lideranças, mesmo aderindo num segundo momento, tenham também se projetado, ou consolidado sua projeção, através da campanha.<sup>15</sup>

No plano interno, a campanha das *Diretas-Já*, sintetizando os movimentos sociais e as lutas político-eleitorais, contribuiu para unificar as tendências do PT, colocando entre parênteses, ao menos temporariamente, possíveis dissensões e contradições que já se desenhavam entre os que priorizavam as lutas eleitorais, as reformas e as negociações, e os que entendiam que o primado deveria pertencer às lutas sociais, ao confronto e, no limite, à revolução.

No conjunto, porém, fortaleceram-se no Partido as tendências mais radicais. E isto ficou manifesto quando da expulsão dos parlamentares petistas que, contrariando decisão partidária, votaram na chapa constituída por Tancredo Neves-José Sarney, no Colégio Eleitoral, depois da derrota política, no Congresso, da emenda que restabelecia as eleições diretas. Apesar do prestígio, e da notória militância, os deputados foram punidos por não haver cumprido o papel de *braço parlamentar* do Partido e dos movimentos sociais.

Na seqüência, agora sob a liderança das correntes mais radicais da CUT, o PT se envolveria em reiteradas tentativas de desencadeamento de greves setoriais amplas e, mesmo, de greves gerais no país, destacando-se aí os trabalhadores da função pública e os vinculados a empresas estatais.<sup>16</sup> Tiveram êxito controverso, apesar da mobilização dos setores mais ativos, o que só evidenciou o declínio da grande vaga iniciada em fins dos anos 1970 com as grandes greves de São Bernardo.<sup>17</sup>

Entretanto, a partir de fins dos anos 1980, e daí para a frente, os dados pareciam ser outros, e outros ânimos começaram a prevalecer na sociedade.

O neo-liberalismo, em escala internacional, ganhava força e intensidade. Nos EUA, R. Reagan, e suas políticas agressivas, substituíra Carter. Em aliança com M. Thatcher, retomava uma postura de ofensiva política, diplomática, militar. Na América Latina, o cerco à revolução sandinista exprimia uma reação dura às alternativas radicais. Elas teriam que se desdobrar para garantir

---

<sup>15</sup> Casos, entre outros, de Ulysses Guimarães e de Tancredo Neves, políticos moderados, que se aproximaram dos movimentos populares durante a campanha. Leonel Brizola também consolidaria ainda mais popularidade e projeção, já alcançadas por sua surpreendente vitória nas eleições para o governo do Estado do Rio de Janeiro em 1982. Para uma interpretação da campanha como fator de unidade partidária, cf. Keck, 1991

<sup>16</sup> Interessante registrar que houve aí, de certa forma, uma retomada das tradições anteriores a 1964, especialmente as que se firmaram na segunda metade dos anos 50 e primeira metade dos anos 60, quando as greves e movimentos de maior vulto eram protagonizadas pelos funcionários das empresas estatais, autarquias e afins. Houve quatro tentativas de greve geral no país, desencadeadas pela CUT: 1983, 1986, 1987 e 1989, com sucesso desigual, mas aglutinando milhões de trabalhadores. Com o tempo, transformaram-se, cada vez, em movimentos de resistência, de defesa de conquistas já alcançadas, do que ofensivas em busca de novas conquistas.

<sup>17</sup> Os assalariados da função pública mantiveram seus movimentos grevistas, principalmente certas categorias, como as da educação, saúde e previdência social, beneficiando-se do dispositivo constitucional que, não regulamentado, garantia a original e estranha instituição, única em escala mundial, das greves com garantia de salários. No entanto, estas greves que mobilizavam cada vez menos, não escaparam de uma curva de declínio, visível nos anos 90.

espaços no futuro imediato. Do outro lado do mundo, a URSS, afundada desde 1979 na guerra sem saída do Afeganistão, dava sinais de esgotamento. A ascensão de M. Gorbatchev, no início, em 1985, se parecera um *novo começo*, um atestado de vitalidade, cedo se revelaria uma transição para o caos, uma deriva sem fim, colocando em questão os fundamentos considerados mais sólidos da alternativa socialista soviética, padrão geral do socialismo do século XX. Na Europa Ocidental, partidos e governos social-democratas pareciam impotentes diante da crítica e das pressões neo-liberais, abandonando ou revendo para baixo os princípios e as políticas do Estado do Bem-Estar Social. Fora exemplar, deste ponto de vista, a reviravolta do líder socialista francês, F. Mitterand, cuja eleição suscitara tanto entusiasmo nos inícios dos anos 80.

A virada iria se acentuando em fins dos anos 80, com a queda do Muro de Berlim, em 1989, a desagregação do socialismo na Europa Central, a crise do socialismo de bem-estar em Cuba, e, pouco depois, em 1991, para culminar, o surpreendente desmantelamento da antes considerada *inexpugnável* União Soviética. Uma vertigem. As esquerdas em todo o mundo, mesmo os setores não identificados com o *socialismo realmente existente*, passavam para uma posição de *defensiva estratégica*.

No Brasil, e depois da morte súbita de Tancredo Neves, uma cruel ironia: uma das grandes lideranças políticas do período ditatorial, José Sarney, assumiu a presidência, como para marcar bem o caráter de *transição pelo alto* da ditadura para a democracia.

O PT e a CUT estiveram na linha de frente das denúncias e dos protestos. O Plano Cruzado<sup>18</sup>, no entanto, e seu sucesso inicial, renderiam ampla popularidade a Sarney e a suas bases políticas. Depois, mesmo com a derrocada das ambições maiores do Plano, não foi mais possível, como referido, manter a onda social ofensiva que havia caracterizado a primeira metade dos anos 80 e cujo último ato, simbólico, fora a fundação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra/MST, em 1985.

Enquanto isto, porém, o PT registrava crescentes sucessos na *frente* político-eleitoral. Em 1985, elegeu Maria Luiza Fontenelle, a primeira prefeita petista de uma grande capital, Fortaleza<sup>19</sup>. No ano seguinte, nas eleições para a Constituinte, o PT dobrou sua bancada na Câmara de

---

<sup>18</sup> Plano econômico concebido e executado pelo governo Sarney. No início, teve grande impacto, promovendo a queda da inflação e um processo notado de redistribuição de renda, suscitando grande entusiasmo e levando a popularidade de Sarney às alturas. Pouco tempo depois, porém, seria impotente para controlar efeitos que terminaram por inviabilizá-lo, retornando, em alta, a inflação, e o processo de desigualdades sociais, marca registrada da prosperidade econômica dos anos 70 sob a ditadura.

<sup>19</sup> A administração de Fontenelle em Fortaleza, ainda muito dependente dos recursos federais e estaduais, controlados pelo Presidente Sarney e pelo Governador T. Jereissatti, e ainda dividida pelas contradições internas do PT, foi um desastre político.

Deputados, elegendo 16 deputados federais, com Lula obtendo uma consagrada votação, além de 40 deputados estaduais.

No processo constituinte, a pequena bancada petista fez lembrar os deputados comunistas constituintes de 1946, compensando o pequeno número com uma presença ativa e eficaz, surpreendendo as forças de direita, dispersas num primeiro momento, até se organizarem no chamado *Centrão*. Juntamente com os demais deputados de esquerda, do PSB, do PC do B e do PDT, foi possível conferir à Constituição finalmente aprovada um caráter progressista, comprometida com o Estado de Bem Estar Social e com as concepções nacional-estatistas tradicionais entre as esquerdas brasileiras, consagrando juridicamente avanços que, apesar do ceticismo dos mais radicais de plantão, transformar-se-iam com o tempo em bandeiras, até hoje eixos de luta dos movimentos sociais populares. Surgiram dali, entre os deputados petistas, nomes que se destacariam nos anos 90, como José Genoíno, Vladimir Palmeira e José Dirceu, entre outros.

No encerramento da década de 80, ocorreu uma outra grande campanha política no país: as primeiras eleições diretas para a presidência da República, afinal realizadas em 1989. Previstas pela Constituição aprovada em 1988, aguardadas com imensa expectativa, que teria agora condições de se realizar, superando as frustrações provocadas pela derrota da luta empreendida em 1984-1985 e concretizando aspirações reprimidas há décadas. Com efeito, a última vez que o povo brasileiro escolhera um presidente datava de 1960, quando da eleição de Jânio Quadros, ou seja, há quase 30 anos.

As eleições, marcadas por manifestações e comícios grandiosos, debates entre os candidatos nas televisões, mobilizaram amplamente a sociedade. O PT lançou, naturalmente, seu líder de maior expressão, Lula, como candidato à presidência. Era uma espécie de *anti-candidatura*, mais para *marcar posições* do que para disputar efetivamente o posto máximo da República. De fato, as propostas tinham um caráter *reformista-revolucionário*<sup>20</sup>, ancoradas nas tradições nacional-estatistas mais radicais das esquerdas brasileiras. Previa-se a anulação da dívida externa, uma reforma agrária radical, o questionamento profundo das bases do modelo econômico imposto pela Ditadura, entre outras referências. Naquelas condições, dificilmente se poderia supor que amplas maiorias estivessem dispostas a sustentar a realização de um programa tão radical, nem era

---

<sup>20</sup> O conceito fora cunhado por Carlos Nelson Coutinho, em meados dos anos 80. Procurava pertinentemente combater a separação radical entre reforma e revolução, mostrando o entrelaçamento que pode ocorrer, e freqüentemente ocorre, segundo as circunstâncias políticas e históricas, entre os dois termos. O autor também se destacaria por ser uma expressão do movimento entre as esquerdas pela ênfase nos valores democráticos não mais concebidos como meros “instrumentos” de “acúmulo de forças”. Cf. Coutinho, 1984 e 1994.

presumível que as circunstâncias internacionais e nacionais pudessem permitir tais aventuras, principalmente tendo-se em vista a experiência e os níveis de organização e de disposição demonstrados pelo PT. Assim, a campanha serviria mais para *acumular forças*, divulgar o programa, provocar discussões, constituir uma corrente de opinião de esquerda, além, é claro, de popularizar as lideranças do PT, Lula em especial, e o próprio partido.

No outro extremo da cena política, despontou Fernando Collor. Abraçando as bandeiras neoliberais, e com grande capacidade de comunicação com as camadas populares da sociedade, aglutinaria rapidamente as direitas e as elites sociais.

Entre Collor e Lula, a figura de Leonel Brizola, com propostas reformistas mais moderadas e tradição reconhecida no campo das esquerdas, parecia uma candidatura fadada a disputar com Collor o segundo turno das eleições.<sup>21</sup>

Entretanto, houve a surpresa. A capacidade de comunicação de Lula, o entusiasmo da militância do PT, entre outros fatores, contribuíram para fazê-lo superar, por pouco, a votação de Brizola, habilitando-se, assim, a disputar a presidência com Collor.<sup>22</sup>

A hipótese da vitória de Lula, e do programa nacional-estatista radical que ele então encarnava, alvoroçou e assustou as elites sociais e políticas. Mobilizaram-se como um monolito em torno de Collor, embora muitos o desprezassem. Utilizaram todos os meios, inclusive a difamação pessoal, para afastar o fantasma da hipótese de reformas radicais. Por outro lado, Lula e setores do PT também pareciam inquietos com a eventual vitória, o que ficou visível na performance do candidato no último debate com Collor.

A derrota de Lula, no entanto, não o desmoralizou.<sup>23</sup> Ao contrário. Consolidou-se na posição de principal líder das oposições. E não perderia o lugar, apesar de muitos percalços, até conquistar a presidência, em 2002.

Em 1991, o PT realizou, afinal, seu primeiro congresso nacional, na simbólica São Bernardo.<sup>24</sup> Manteve vagos compromissos com o socialismo, que eram os seus desde a fundação,

---

<sup>21</sup> A Constituição de 1988 previra a instauração do segundo turno nas eleições presidenciais, sempre e quando um candidato não alcançasse 50% mais um dos votos num primeiro turno de votação.

<sup>22</sup> No primeiro turno, Lula recebeu um surpreendente votação: 11.622.673, 17,1% dos votos, superando por pouco L. Brizola.

<sup>23</sup> Lula alcançou no segundo turno um pouco mais de 31 milhões de votos, 47% dos votos válidos. Uma bela retrospectiva da campanha pode ser vista em Singer, 1990. Cf. igualmente, para a recuperação da atmosfera da época, Carvalho e alii, 1989.

<sup>24</sup> O que não significa dizer que o PT tivesse uma dinâmica anti-democrática. Ao contrário. Para os padrões brasileiros, e mesmo internacionais, o partido foi marcado, principalmente em sua primeira década, por intensos debates em todas as instâncias, fruto da valorização dos princípios democráticos e do relativo equilíbrio que existia entre tendências diversas. Tais debates marcavam os Encontros Nacionais que, preparados desde as bases, realizavam-se quase todos os anos (7 Encontros Anuais de 1982 a 1990).

mas derrotou todos os que desejavam definições mais precisas, seja na defesa do *socialismo realmente existente* que, literalmente, estava deixando de existir, seja na condenação de aspectos considerados negativos da experiência do socialismo do século XX: inexistência de liberdades políticas, críticas à burocratização do sistema, ausência de compromissos internacionalistas, ou/e de auxílio ao processo das revoluções sociais em escala mundial, etc.<sup>25</sup> Por outro lado, reflexões que procuravam incorporar inovações então discutidas em várias partes do mundo também não foram aprovadas. Mantinha-se uma certa ambigüidade em relação ao socialismo soviético e afins. De um lado, e desde o início, o PT afirmara sua autonomia, colocando-se como o partido do socialismo do século XXI. De outro lado, no entanto, não deixou de manter relações relativamente intensas com os Estados socialistas, particularmente com a ditadura fidelista em Cuba.<sup>26</sup>

Assim, o acordo em relação ao socialismo permaneceria como sempre fora: suficientemente vago para abrigar todas as tendências – a experiência concreta, dizia-se, é que iria apontar os rumos, como se dela pudesse, quase que espontaneamente, emergir definições e conceitos esclarecedores.<sup>27</sup>

O Congresso foi um encontro de consolidação, quase nada aduzindo em termos do Programa defendido durante a Campanha de 1989. No entanto, seria de registrar, e o fato começou a ser apontado desde aquela época, um processo de centralização e de enrijecimento das instâncias partidárias.<sup>28</sup>

De um lado, para fazer frente às organizações revolucionárias,<sup>29</sup> que potencializavam sua influência através da ação concertada de seus militantes e quadros, formou-se, desde os anos 1980, um agrupamento, dirigido pelas principais lideranças sindicais, para manter o controle do Partido: a chamada *Articulação*, encabeçada pelo próprio Lula.

Politicamente moderada, alérgica a dogmas de qualquer natureza, vocacionada a exercer o poder interno, polarizada pelas personalidades de seus *chefes*, pouco afeitos a debates político-teóricos, sem princípios muito claros, salvo controlar o poder, mas adeptos de negociações, e com grande sintonia com as bases populares do Partido, a Articulação cedo se impôs como centro

<sup>25</sup> Varias propostas no sentido de críticas ao socialismo realmente existente, inclusive criticando a ditadura política em Cuba, foram derrubadas e, por meio de manobras, nem chegaram a ser consideradas pelo Plenário.

<sup>26</sup> Quando da derrubada do Muro de Berlim, em 1989, foi surpreendida uma delegação do PT em Berlim Oriental, participando de um curso de formação política (sic). Não faltavam na época, ao lado de declarações críticas ao modelo soviético socialista, outras vozes, e respeitáveis, que ressaltavam “os avanços” do socialismo – educação e saúde públicas, políticas igualitaristas, resistência às ofensivas “imperialistas”, etc.

<sup>27</sup> As reflexões sobre as formulações, e as evoluções políticas do PT baseiam-se em Partido dos Trabalhadores, 1998.

<sup>28</sup> O processo de burocratização, ou seus perigos, começaram, cedo, a serem criticados. Cf. o depoimento de F. Fernandes in Azevedo e Maués, 1997, pp 238-240; e Sader, 1986

<sup>29</sup> No momento da fundação do PT, as organizações revolucionárias continuavam imaginando-se como *vanguardas*, no sentido leninista do termo, concebendo o Partido como uma *frente política*, um campo de influência e de recrutamento, destinado a ser dirigido politicamente por elas.

dirigente. Por ela, e desde então, teriam que passar as grandes decisões que orientariam a vida partidária e a ação do PT na sociedade.

De outro lado, as organizações revolucionárias, apesar delas mesmas, e contrariando prognósticos e expectativas, foram sendo *fagocitadas* no interior do partido, aspiradas pelas pugnas internas e pelas disputas político-eleitorais, quando não pelos cargos que se multiplicavam e que urgia ocupar. Em suma, institucionalizavam-se. A maioria desapareceu quase sem deixar vestígios<sup>30</sup>.

Assim, embora o PT tivesse participado ativamente, e mesmo, em certo sentido, liderado, em 1992, a campanha pelo impeachment de Fernando Collor, empunhando com grande entusiasmo uma bandeira que lhe fora cara desde a fundação: a luta pela defesa da moralidade e da ética no trato da coisa pública, era visível um processo de acomodamento, perversivo, que se manifestava pela importância crescente das preocupações institucionais e político-eleitorais.

À conjuntura das grandes lutas sociais dos anos 1980, sobretudo de sua primeira metade, sucedia-se uma outra, marcada na sociedade por um ânimo conciliador, moderado, reformista. O PT, cada vez mais concentrado na busca do próprio fortalecimento institucional, polarizado pelas disputas eleitorais que se sucediam em todas as instâncias da sociedade, via-se sugado por esta dinâmica, que ele não havia previsto, e parecia não controlar.

Os militantes *amadores*, que tinham sido a marca registrada do Partido em seus inícios escasseavam a olhos vistos, substituídos por funcionários, assessores, executivos de todos os tipos, do próprio Partido ou membros de cargos/funções públicas, vinculados às administrações que se constituíam, e se multiplicavam, em função das vitórias eleitorais. De fato, em 1988, o PT conquistara as prefeituras de São Paulo (Luiza Erundina), de Santos (Telma de Souza), de Porto Alegre (Olívio Dutra), e de Vitória, entre outras 33 cidades, iniciando ali um ciclo longo de governos municipais.<sup>31</sup> Dois anos depois, em 1990, o PT elegeu o primeiro senador, 35 deputados federais e 81 deputados estaduais.

Segmentos de extrema-esquerda perceberam a deriva, a concentração considerada excessiva nas disputas eleitorais e a denunciaram com força. O PT, argumentavam, transformava-se: de um partido de reformadores radicais, ou de revolucionários, em um partido *eleitoralista*, de gestores das Administrações Públicas e do sistema capitalista. Aonde aquilo iria parar? Mas não tiveram

<sup>30</sup> Foi o caso, entre outras, da Ação Libertadora Nacional/ALN, da Ação Popular Marxista-Leninista/AP-ML, da Ala Vermelha do PC do B/ALA do Pcdob, etc.

<sup>31</sup> O ciclo, em Porto Alegre, foi o mais longo, e se prolongaria por quatro eleições, só se encerrando (provisoriamente?) nas recentes eleições de 2004. Para as experiências das administrações municipais petistas, cf. Bittar, 1992; Magalhães e alii, 1999; Genro e Souza, 1998

força para reverter a corrente e acabaram expulsos: foram os casos do Partido da Causa Operária/PCO, já em 1990, e da Convergência Socialista/CS, em 1992.<sup>32</sup>

Os anos 1990 foram assim anos de crescimento e de estabilização do PT.

Em 1992, perderia o controle da administração da cidade de São Paulo, de grande importância, mas ganharia as de Belém, de Belo Horizonte, de Goiânia, de Rio Branco e de mais 49 cidades.

Sofreria, é verdade, mais duas derrotas nas disputas presidenciais, agora para Fernando Henrique Cardoso. Mas Lula recebera, em 1994, um pouco mais de 17 milhões de votos, 27% dos votos válidos. Neste ano, o Partido elegeu 4 senadores, 50 deputados federais e 92 deputados estaduais, além de 2 governadores, no Distrito Federal e no Espírito Santo. Nas municipais de 1996, o PT venceria em 111 cidades, confirmando-se como partido hegemônico em Porto Alegre, ganhando a prefeitura de Belém, além de aparecer com candidatos fortes num sem número de importantes centros urbanos, uma verdadeira cornucópia de cargos e de responsabilidades administrativas.

Em 1998, nova derrota nas eleições presidenciais, mas, além de Lula ter recebido agora 31,7% dos votos válidos, houve resultados convincentes numa série de outras posições, como as vitórias para os governos do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Acre. Elegeram-se ainda 3 senadores, 59 deputados federais e 90 estaduais.

Crescendo, o PT tornara-se largamente dominante no âmbito das esquerdas, passando, cada vez mais, a polarizar o PDT, de Brizola;<sup>33</sup> o PSB, de Arraes; e do PC do B, objeto de um processo de *aggiornamento*, que o levava a superar, sem renegar, o passado stalinista.

Começaram, é certo, a aparecerem vozes dissonantes. Houve as denúncias de Paulo de Tarso Venceslau, ainda em 1993. Experimentado militante da ALN e do PT, amigo íntimo de Lula, revelara evidências incontestáveis sobre métodos corruptos e corruptores adotados pelo partido em São Paulo, envolvendo pessoas próximas de Lula. Demitido de suas funções na Prefeitura petista de São José dos Campos, em setembro daquele ano, Paulo de Tarso iniciaria um via-crucis em defesa do esclarecimento de suas denúncias. O processo se arrastou até 1998, quando, apesar de absolvido por uma Comissão de Ética partidária, Paulo de Tarso acabou sendo expulso do Partido, por exigência de Lula, num *processo* que fez lembrar o que havia de pior nas tradições do socialismo

---

<sup>32</sup> A CS converteu-se, mais tarde, em 1994, no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado/PSTU, organização política revolucionária que se tem mantido desde então na contra-corrente, tentando radicalizar o debate e a ação dos movimentos sociais.

<sup>33</sup> Em 1998, Lula teve como companheiro de chapa o presidente do PDT, Leonel Brizola, marcando, por parte deste último, o reconhecimento da liderança de Lula e do PT no âmbito das esquerdas brasileiras.

autoritário. As esquerdas petistas de então alegaram que era preciso fazer calar o denunciante, por inoportuno, consideradas as *exigências* da conjuntura eleitoral de 1998.<sup>34</sup>

Em 1995, dois anos depois das denúncias formuladas por Paulo de Tarso, houve outras, desta feita formuladas em pleno X Encontro Nacional do PT, quando César Benjamin, importante assessor de Lula na campanha de 1994, apontou publicamente um processo de corrupção generalizada no PT, envolvido em jogos escusos, abandonando princípios éticos, ainda formalmente venerados, mas já desrespeitados alegremente na prática. Vaiado e ameaçado de agressão, o denunciante preferiu sair do Partido antes de sofrer um processo de expulsão.

Muitos já admitiam que germinavam verdadeiras *máfias* à sombra de prefeituras petistas do interior de São Paulo, fazendo todo o tipo de negócios e de negociatas, como licitações fraudadas, extorsões e propinas de diversos tipos, freqüentemente ligadas às concessões de serviços públicos (coleta de lixo, linhas de transporte urbano, etc.) para carrear finanças para o Partido. Alegava-se que era um mal inevitável, um tributo ao *realismo político*, a submissão a *leis de bronze* do jogo pesado da *grande política*, onde todos eram obrigados a fazer as mesmas coisas, sob pena de incorrer em atitudes ingênuas e *amadoristas*, fadadas à derrota política. Assim, as denúncias e outras restrições foram como pedras leves arremessadas. Abriam pequenos círculos, logo absorvidos pelo largo lago em que se transformara o PT, convertido em poderosa *máquina partidária*, desde 1995. Desempenharia papel decisivo neste sentido o deputado José Dirceu, eleito então presidente do Partido. Também ele antigo militante da ALN, notabilizara-se por ocasião de sua atuação na CPI que levava ao impeachment de Collor. Agora, exercendo seus conhecidos talentos de organizador, ao lado da liderança de Lula, conduziriam, ambos, o PT, finalmente, à vitória nas eleições presidenciais de 2002.

O que o PT de 2002 tinha a ver com o PT dos inícios dos anos 1980?

Um pouco mais de 20 anos haviam se passado. No itinerário, muitas metamorfoses.

Das periferias industriais de São Paulo, estendera-se a todo o país, constituindo em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, núcleos ainda mais fortes do que o formado originalmente em São Paulo.

De um partido pequeno, transformara-se numa poderosa *máquina* nacional.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Escrevi em 1997 artigo detalhando o *processo*,: A crônica de um escândalo anunciado, publicado em página inteira pelo Estado de São Paulo, em 13 de julho de 1997, p D3, antes que a expulsão se consumasse. O artigo suscitou como resposta o mais completo silêncio.

<sup>35</sup> Em 2001, o PT anunciava ter cerca de 500 mil filiados, organizados em 4.098 municípios, governava três estados e 187 cidades, entre elas seis das mais importantes do país, cf. Singer, 2001

De partido de militantes a partido de funcionários. Do protagonismo dos operários ao papel cada vez mais preponderante das classes médias assalariadas, particularmente ao dos assalariados da função pública.<sup>36</sup>

De um conglomerado de tendências passara à firme hegemonia de uma delas, a *Articulação*.

Dos compromissos com os movimentos sociais, à dinâmica absorvente dos calendários político-eleitorais. De um partido de líderes sociais a um partido de parlamentares, de prefeitos, de executivos, de assessores.<sup>37</sup>

Do amadorismo romântico das oposições utópicas, ao profissionalismo da *grande política* comprometida com as possibilidades. Da revolução à reforma, à administração, à gestão da República. Do nacional-estatismo radical, com perspectivas socialistas, à moderação dos propósitos, ainda que mantendo laços com a retórica de confronto.

Não se quer afirmar que estas metamorfoses tivessem se realizado de forma integral. Que as características presentes na gênese do PT tivessem se dissolvido no ar. Mas é como se as novas referências relacionadas acima estivessem agora predominando, conferindo à dinâmica do Partido um rumo distinto, diferentes e imprevistos horizontes. Eram elas, de fato, que davam o tom e a cor do Partido.<sup>38</sup>

E foi este Partido – emergindo de dentro do anterior – que se preparou para o triunfo eleitoral de 2002.

## **O triunfo**

A campanha de 2002 ocorreu em condições particularmente favoráveis ao PT. Havia o desgaste dos dois mandatos de FHC. Apesar dos êxitos do Plano Real, efetivos, e ainda proclamados, era visível a erosão da popularidade do presidente, de suas políticas e de suas bases de sustentação. Além disso, era claro que não nutria uma simpatia particular pelo candidato do próprio partido, PSDB, José Serra. Ao contrário, às vezes, parecia comprazer-se com a hipótese de passar a faixa presidencial a Lula, que seria o “primeiro presidente operário da América Latina”.

Desde o início da campanha, fiados na idéia de que Lula era sempre um candidato forte, mas destinado a perder, mesmo que no segundo turno, os demais candidatos subestimaram sua força,

---

<sup>36</sup> Leoncio Martins Rodrigues flagrou o processo em estudo sobre os partidos políticos brasileiros, cf. Rodrigues, 2002

<sup>37</sup> Cf. depoimento de Vladimir Palmeira in Azevedo e Maués, 1997, pp. 319 e 320

<sup>38</sup> As metamorfoses no interior do PT tem suscitado estudos de diversos ângulos, cf. Furtado, 1996. De certo modo, a análise de certas contradições do partido já estavam, no contexto das circunstâncias da época, analisadas por Keck, 1991. Também as analisei em artigo publicado em 2005.

atestada pelas pesquisas de opinião pública, e passaram a trocar entre si fogo pesado.<sup>39</sup> Enquanto se enfraqueciam mutuamente, crescia a popularidade de Lula.

Mas o candidato do PT não apenas se beneficiou dos erros dos adversários e das circunstâncias favoráveis da conjuntura.

O que fez sua força foi uma série de providências e decisões que o tornariam imbatível, pelo menos do ponto de vista eleitoral que, no caso, era o que contava.

O PT preparou-se *profissionalmente* para a campanha de 2002. Na condição de grande partido, que já era, arrecadou finanças consideráveis. Em seguida, moderou o discurso político, um processo que já vinha se desdobrando, desde a campanha de 1994, mas que alcançaria, em 2002, com a *Carta aos Brasileiros*,<sup>40</sup> um novo patamar. Finalmente, articulou assessoria de marketing que viabilizaria a proposta do candidato através dos meios de comunicação, além de tratar do seu *visual*, despindo Lula de quaisquer vestígios que o pudessem assimilar a uma liderança radical – o lema *Lulinha paz e amor* exprimiu bem esta mudança, sobre a qual, aliás, o próprio candidato referia-se sem constrangimento aparente.<sup>41</sup>

A vitória foi um coroamento. Finalmente, depois de três campanhas frustradas, a conquista da Presidência da República pelo voto, o triunfo. Lula e o PT *chegavam lá*.<sup>42</sup> A euforia tomou o país, empolgando, principalmente, é claro, os eleitores de Lula e do PT, que se consagrou como o maior partido no Congresso Nacional.<sup>43</sup>

No começo, entretanto, foi necessário enfrentar uma atmosfera pesada de pressões e de desconfianças, que ameaçava descontroles do câmbio e retomada do processo inflacionário. Mas o novo governo, constituído por Lula, deu as garantias necessárias, cumprindo, estritamente, os compromissos anunciados na campanha, além de se comprometer a não empreender nenhuma *caça às bruxas* em relação aos governos de FHC.

Posteriormente, no entanto, para desespero e amargura dos setores mais radicais, principalmente os situados entre os funcionários públicos e das empresas estatais, ao invés de uma

---

<sup>39</sup> O exemplo mais emblemático deste feroz tiroteio foi o escândalo da Lunus, que envolveu a candidata Roseana Sarney, quando milhões de reais, não declarados, e em espécie, apareceram vinculados ao financiamento de sua candidatura. Os maços do dinheiro, devidamente fotografado, foram amplamente divulgados por todos os meios de comunicação.

<sup>40</sup> Documento político básico da campanha de 2002, publicado ainda antes das eleições, e que revisava numa perspectiva moderada os objetivos, as metas e o programa de governo. Essencialmente, comprometia-se ali o candidato a *respeitar os contratos* firmados pelo governo anterior, sinalizando uma proposta de estabilidade e de paz social e de não-reversão das principais políticas adotadas por FHC, entre as quais as privatizações de empresas estatais.

<sup>41</sup> Cf. o filme *Entreatos*, de João Moreira Salles, onde Lula enfatiza a mudança de retórica e de objetivos programáticos.

<sup>42</sup> Lula foi eleito, no segundo turno, batendo José Serra, do PSDB, com 52,4 milhões de votos. O PT elegeu a maior bancada do Congresso Nacional – 91 deputados federais, projetando a figura do parlamentar mais votado do país, o senador Aluísio Mercadante, com cerca de 10,5 milhões de votos.

<sup>43</sup> Cf. Sader, 2003.

ampla agenda reformista, o governo limitou-se a propor as reformas já enviadas à consideração do Congresso por FHC (reformas da previdência e tributária). Na saúde e na educação, setores considerados prioritários pela tradição nacional-estatista, não houve nenhuma iniciativa importante, decepcionando expectativas e esperanças. O ministro da Educação, Christovam Buarque, ex-reitor da Universidade de Brasília e ex-governador de Brasília, experiente na área, e de quem se esperavam propostas ousadas, nada fez, ou propôs, ou realizou de significativo, além de formular sugestões como se ainda estivesse na Oposição.<sup>44</sup> Foi de uma inapetência emblemática, mas não isolada. Parecia que o PT e o Governo tivessem assumido o poder sem um programa, sem propostas concretas, que reformassem o país numa direção determinada, ou em qualquer direção. Prevalencia, na maioria das áreas, com a honrosa exceção da política externa, uma perspectiva de *gestão* – sem imaginação, nem audácia. A base política no Congresso era assegurada por uma estranha aliança com partidos fisiológicos ou francamente conservadores (PTB, PL e PP).<sup>45</sup>

Muito timidamente, no início, com mais agressividade em seguida, Lula e o PT passariam a ser acusados de *traição* por pensadores, setores e organizações políticas mais radicais, e também por políticos como Leonel Brizola, que não se conformavam com o abandono do programa e das tradições nacional-estatistas, compartilhadas em campanhas anteriores.<sup>46</sup>

A partir de 2005 o governo seria engolfado por escândalos em série, despejados por um de seus melhores aliados no Congresso, Roberto Jefferson, líder do PTB, que acusava o governo de pagar propinas mensais a dezenas de deputados em troca de apoio e de votos – o *mensalão*.

A fúria do *moralismo udenista*, enterrada em 1964, pareceu retomar direito de cidade, e tomou conta da República. Deu-se uma notável inversão de temperatura e pressão. O PT, que, embora já comprometido por denúncias várias,<sup>47</sup> ainda mantinha, alta, a bandeira da *ética na política*, insistindo em sua condição de partido *de mãos limpas*, surgiu envolvido num mar de lama de negociatas, compras e vendas de votos, uma mixórdia inimaginável. Por outro lado, partidos conservadores e moderados, notórios por suas práticas corruptoras e corruptas, apareceram em cena

---

<sup>44</sup> Depois de um ano, Cristóvão foi demitido do cargo, melancolicamente. Uma proposta de reforma universitária, formulada por Tarso Genro, só seria proposta bem mais tarde, em 2005. Nem chegou, porém, a ser discutida no Congresso Nacional, em virtude de razões que passarão a ser apresentadas e discutidas.

<sup>45</sup> Cf. Aarão Reis, Daniel. 2005

<sup>46</sup> Em 2004, houve a perda da Prefeitura da cidade de São Paulo (derrota de Martha Suplicy, eleita em 2000, e que tentava a reeleição), e de outras importantes cidades do Estado de São Paulo (Campinas, Ribeirão Preto), mas o PT demonstraria, ainda assim, imprevista vitalidade, reelegendo o prefeito de Belo Horizonte, recuperando sua *primeira* prefeitura, a de Fortaleza, e aumentando o número de prefeitos de 187 para 411. Nas circunstâncias, um inegável êxito, embora boa parte destas cidades não fosse de grande expressão. Mas o Partido sobrevivera ao primeiro grande teste eleitoral governando o país.

<sup>47</sup> Além das referidas acima que, apesar de sua gravidade, alcançaram pouca repercussão, mencione-se o escândalo Valdomiro Diniz, assessor direto de José Dirceu, chefe da Casa Civil do Governo, flagrado em tráficos escusos com bicheiros do Rio de Janeiro já em 2004.

como vestais da política. Tradicionais políticos, envolvidos em todos os tráficos, apareceram como se honrados e ímpolitos homens públicos fossem, travestidos de Catões.

A grande mídia, articulando-se, articulada, desencadeou uma campanha que fez lembrar a protagonizada contra Getúlio Vargas, levando-o ao suicídio, em 1954. Formou-se feroz e estranha aliança, onde se irmanaram direitas iracundas e rançosas, liberais honestíssimos, esquerdistas frustrados com o desempenho do governo e de Lula<sup>48</sup>, em particular. Jornalistas, políticos, empresários, *formadores de opinião*, todos brandindo a honestidade no trato da coisa pública como valor supremo, como se na terra de Macunaíma fosse um inusitado acontecimento o malbarato dos dinheiros públicos.<sup>49</sup>

Formaram-se Comissões Parlamentares de Inquérito/CPIs que se transformaram em grandes *circos romanos* eletrônicos, palcos iluminadíssimos, estimulando a delação premiada, mostrando as entranhas pavorosas da República, num espetáculo que fazia as delícias das virtuosas classes médias, e todos queriam ali aparecer, denunciando, espumando virtudes, condenando vícios, expondo a lama execrável e insuportável de sindicalistas e homens de origem popular que haviam ousado fazer o que os maiorais da república sempre haviam feito, mas com a descrição que a experiência ensina a observar. Um espetáculo de *ódio de classe* que há muito não se via, jorrava agora com a força das fúrias represadas e dos sentimentos recalçados.

O PT e Lula desgastaram-se enormemente. Em meados de 2005, as pesquisas apontavam um tal decréscimo no patamar de popularidade do Presidente que o *impeachment*, que chegara, em certo momento, a ser cogitado pelas oposições, foi deixado de lado, ao menos temporariamente. Ninguém imaginava que Lula, naquelas condições, fosse ousar a reeleição. Se o tentasse, seria massacrado. Mais valia, ao invés de derrubá-lo, deixá-lo apodrecer.

Mas ocorreu, mais uma vez, o improvável.

Já no início de 2006, a surpresa. A popularidade de Lula recuperava níveis perdidos, subia, e não parava de subir. Por incrível que pareça, o mesmo acontecia com o PT, embora em escala não tão marcante.

---

<sup>48</sup> No processo, formou-se, um novo partido *soit-disant* de extrema-esquerda, o Partido Socialismo e Liberdade, o PSOL, mas onde se aglutinaram, em curiosa mescla, organizações ultra-radicais, nacionalistas revolucionários e políticos moderados, sob o denominador comum da virtude na política, e da honestidade no trato da coisa pública.

<sup>49</sup> Pesquisas recentes, realizadas pelo DataFolha, constataram que 83% da população consideram que Lula tem responsabilidade nos casos de corrupção e que 75% consideram que há corrupção do Governo (cf. O Globo, 24/09/06, p. 9). Ou seja, se a popularidade de Lula não caiu, *apesar disso*, não quer dizer que a população seja corrupta ou cínica, como querem alguns desencantados, mas porque outros critérios estão sendo considerados mais relevantes, como veremos a seguir, inclusive porque a corrupção é vista como algo perversivo, contaminando todos os partidos, particularmente aqueles onde se encontram os principais acusadores de Lula e do PT.

Para a compreensão do fenômeno, é preciso considerar, de forma combinada, um conjunto de fatores.

Na cúpula do governo, Lula, eximindo-se de responsabilidades, sacrificou, em escândalos sucessivos, os ministros mais importantes: José Dirceu e Antonio Palocci, reconstituindo um núcleo coerente de poder. No mesmo sentido, o PT afastou importantes lideranças, inclusive seu presidente, José Genoíno. No Congresso, acionando linhas de defesa corporativas, e também porque eram raríssimos os que não tinham recorrido ao famoso *caixa 2*,<sup>50</sup> todos escaparam, mas caíram José Dirceu e Roberto Jefferson, eleitos bodes expiatórios de um mal-feito de que poucos, muito poucos, poderiam ser inocentados.

Um pouco mais tarde, em outubro de 2005, o PT, em pleito direto, e revelando já aí uma vitalidade insuspeitada, elegeria uma nova direção política, encabeçada por Ricardo Berzoini, fiel escudeiro de Lula e membro da Articulação, que mantinha assim as rédeas do Partido.

Por outro lado, numa dimensão maior, e passada a fase mais agressiva em que lavrou o denunciamento moralista, contribuíram decisivamente para a recuperação política de Lula e do PT os efeitos de certas políticas públicas com grande impacto social: o Bolsa-Família, o crédito consignado, o aumento do salário mínimo em proporção maior que a inflação, a diminuição dos impostos sobre os gêneros da chamada cesta básica e também dos que incidiam sobre materiais de construção (cimento). Além disso, é preciso considerar a curva ascendente do emprego, formal e informal,<sup>51</sup> propiciado pela retomada, embora modesta, do desenvolvimento econômico, e as políticas de estímulo e de financiamento, adotadas nas áreas de cultura e da ciência e tecnologia, atenuando críticas e reivindicações das comunidades envolvidas.

Sem ter aplicado um programa coerente de reformas sociais, estas políticas públicas, em seu conjunto, haviam provocado, nas condições do país, importante redistribuição da renda nacional. Assim, segundo Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas/FGV, que preparou estudo específico, foi como se o país tivesse conhecido, ao longo do governo Lula, uma espécie de *segundo Plano Real*. Com efeito, o *primeiro Plano Real*, de acordo

---

<sup>50</sup> Expediente através do qual os candidatos driblam a legislação financiando as campanhas com recursos não declarados (os declarados, sempre subestimados, constituem o caixa 1, ou caixa legal). A imensa maioria – de todos os partidos - , faz uso do expediente, que se encontra tão disseminado que o professor de Comunicação da Universidade de São Paulo, Guadêncio Torquato, recentemente, permitiu-se dizer que “o caixa 2 faz parte do DNA da cultura política brasileira”. In O Globo, Rio de Janeiro, 24/09/2006, p. 4

<sup>51</sup> Os dados da Relação Anual de Informações Sociais/RAIS, publicados em 2006, atestam elevação do salário médio dos trabalhadores e redução da disparidade de renda entre homens e mulheres. Ao mesmo tempo, revelam que, em 2005, teria havido um crescimento de 5,83% de empregados com carteira assinada, segundo melhor desempenho em vinte anos da série histórica do RAIS. Entre janeiro de 2003 e agosto de 2006 (período do governo Lula), teriam sido abertas 5,762 milhões de vagas, muito abaixo dos 10 milhões de empregos prometidos na campanha eleitoral, mas expressivo resultado nas condições brasileiras, considerados os últimos anos. Cf. O Globo, 28/09/06, p. 29

com os dados, teria reduzido a miséria social em 18,47%, enquanto as políticas empreendidas pelo Governo Lula, acima referidas, teriam provocado uma redução de 19,18%, ou seja, em número absolutos, cerca de 8,6 milhões de pessoas teriam deixado o universo dos miseráveis no período entre 2003-2005.<sup>52</sup>

Contudo, nem só de pães vivem os seres humanos.

Seria impossível deixar de sublinhar também, ou principalmente, os ganhos simbólicos auferidos pelas camadas intermediárias e baixas da sociedade com a eleição de Lula. Algo que está para além da ascensão de milhares de lideranças populares que passaram a fazer parte de dispositivos de poder, para além de benesses e vantagens materiais imediatas. Reconhecidas por Lula, enaltecidas através de sua notável capacidade de comunicação, multidões passaram a ver nele um índice de sucesso próprio, a se reconhecer nele como expressão de conquistas longamente aneladas.

Assim, constituíram-se *linhas de resistência*, garantindo autonomia de avaliação e decisão para amplas camadas, inclusive das próprias classes médias, que passaram a relativizar o *denuncismo moralista* da grande mídia, a perceber suas contradições, sua fúria seletiva, sua irrelevância num contexto maior.<sup>53</sup>

Contra estas linhas de resistência tem quebrado os dentes a aliança entre as direitas e segmentos de extrema esquerda, que insistem sobretudo nos defeitos e *vícios morais e éticos* de Lula e do PT. Às vésperas das eleições, um novo escândalo, envolvendo compra de dossiers que, supostamente, comprometeriam o prefeito José Serra, candidato do PSDB, e dado como vitorioso na disputa pelo governo do Estado de São Paulo, voltou a evidenciar o papel das *máfias* que se originaram do PT de São Paulo – sua audácia, autonomia e estupidez.

Mais uma vez, como em 2005, avolumou-se o denunciamento moralista, exacerbado, avassalador.

Os meios de comunicação, a imprensa escrita sobretudo, não mediram mãos, dedicando imensos espaços às denúncias, tratadas de forma grosseiramente unilateral.<sup>54</sup> Seus objetivos,

---

<sup>52</sup> Cf. matéria detalhada publicada pelo insuspeito O Globo, de 23 de setembro de 2006 (p. 31). Os resultados da Pesquisa Nacional por amostra de domicílio/PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, referente a 2005, e publicada em 2006, têm sido, por óbvias razões, abundantemente citados por Lula e o PT na campanha eleitoral deste ano.

<sup>53</sup> Em 2005, por ocasião do plebiscito sobre o direito de possuir armas, já a presumida capacidade da grande mídia moldar as opiniões na sociedade havia sido rudemente golpeada. Foi então amplamente vencida a posição defendida, quase sem falhas, pelos principais meios de comunicação, contrários, como se sabe, ao direito, sob certas condições, de portar armas – garantido pela atual legislação -, que foi, afinal, mantido.

<sup>54</sup> Destacaram-se O Globo e a Folha de São Paulo, perdendo seus editores e proprietários as referências que, minimamente, devem ser respeitadas por uma mídia que se queira isenta e objetiva.

embora esbarrando no senso crítico, subestimado pelas elites, mas real, das camadas beneficiadas material e simbolicamente pelas realizações de Lula e de seu governo, não deixaram de ser alcançados, ao menos em parte.

### **As eleições de 2006**

Com efeito, os resultados das eleições realizadas em 1 de outubro de 2006 impuseram a necessidade de um segundo turno para o pleito presidencial, contrariando as expectativas otimistas dos petistas e do próprio Lula.

O presidente teve um pouco mais de 46.500 mil votos, 48,6% do total de votos válidos. Geraldo Alckmin, do PSDB, alcançou quase 40 milhões de sufrágios, 41,63% dos votos. Os outros dois candidatos de maior visibilidade, Heloísa Helena, do PSOL, e Cristovam Buarque, do PDT, alcançaram, juntos, 9,50%.<sup>55</sup> Há que se considerar que 23,78% dos eleitores abstiveram-se, ou preferiram o voto em branco, ou nulo.<sup>56</sup>

A distância entre Lula e Alckmin era considerável, mas a partida não poderia ser, nem foi, dada como ganha. Como dizem os especialistas e estudiosos dos processos eleitorais, eleições de segundo turno são, sempre, outras eleições, sobretudo se a diferença entre o primeiro e o segundo colocados é inferior a 10% dos votos, ou/e se não houver possibilidade de prever com grande margem de acerto a migração de votos dados a outros candidatos. Ora, as primeiras avaliações aferidas por pesquisas indicaram que os votos de Heloísa Helena e Cristovam Buarque, embora muitos os analisem como *de esquerda*, não migrariam necessariamente para Lula.<sup>57</sup> Por outro lado, havia um imenso contingente eleitoral que não exercera o direito do voto, ou votara branco ou nulo, e que poderia ser atraído pelo segundo turno, sobretudo se a polarização tendesse a se acirrar, o que se anunciava como provável. Neste caso, para onde iriam estes votos?

---

<sup>55</sup> Resultados oficiais divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral/TSE, in O Globo, p. 1, 2/10/2006.

<sup>56</sup> Houve, segundo as apurações divulgadas pelo Tribunal Superior Eleitoral/TSE 20.642.265 abstenções (16,76%), 5.845.429 votos nulos (4,75%) e 2.800.313 votos em branco (2,27%). Cf. in O Globo, p. 4, 2/10/2006

<sup>57</sup> Pesquisa DataFolha, realizada em 29-30 de setembro de 2006, às vésperas do primeiro turno, indicava que 53% dos eleitores de Heloísa Helena estariam dispostos a votar em Alckmin num eventual segundo turno, e apenas 29% em Lula. Outros 15% anulariam o voto, permanecendo indecisos 3%. Os votos de Cristovam, segundo a mesma pesquisa, tenderiam a ir majoritariamente também para Alckmin (52%), distribuindo-se assim os restantes: Lula, 26%; nulos, 18%; e indecisos, 4%. Cf. in O Globo, p. 2, Coluna Tereza Cruvinel, 3/10/2006. Claro, no contexto da campanha do segundo turno, estes dados sempre são passíveis de alteração, sem falar no questionamento que a pesquisa pode suscitar, dada a parcialidade com que têm se comportado a grande mídia escrita, particularmente a Folha de São Paulo e O Globo.

Tudo parecia depender da qualidade e da adequação de cada campanha no segundo turno, das alianças que se realizassem, dos debates que se travassem entre Lula e Alckmin, e de eventuais *factos novos*, que pudessem alterar o curso *normal* do processo eleitoral.

Nas eleições parlamentares e para governadores, o PT demonstrou notável e surpreendente vitalidade: elegeu 83 deputados federais (segunda maior bancada, atrás apenas da do PMDB, com 89 deputados eleitos), 2 senadores e também 4 governadores no primeiro turno (Bahia, Acre, Piauí e Sergipe).<sup>58</sup> O Partido disputaria ainda o segundo turno em mais dois estados (Rio Grande do Sul e Pará; perdeu-as, mas com votações significativas), sem falar em expressivas votações, embora minoritárias, colhidas em outros Estados (Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, entre outros).

Em suma, no primeiro turno, não se concretizaram as previsões catastróficas de que o PT era um partido *morto*, destinado ao museu da história republicana. Considerando-se as circunstâncias que foram as suas ao longo dos anos de 2005-2006, acossado pelas direitas e pelos segmentos de extrema esquerda com as acusações, já referidas, de *desvios* morais e éticos, não poucos previam o *fim de um ciclo*, o do PT e o de Lula.

Não foi o que aconteceu.

Por outro lado, vale registrar que se fortaleceram tendências alternativas no interior do PT, não comprometidas com as crises que abalaram o Partido, que levaram de roldão figuras tradicionalmente vinculadas à Articulação (Dirceu, Palocci, Silvio Pereira, Delúbio Soares, Genoíno, etc.) que saiu, obviamente, enfraquecida.

O segundo turno, realizado em 29 de outubro de 2006, consagrou a liderança de Lula, eleito com 58.248.001 votos, quase 61% dos votos, confirmando sua popularidade no eleitorado de baixa renda e avançando mesmo nas camadas intermediárias. Quanto a Alckmin, para a surpresa de muitos de seus adeptos, e de não poucos analistas, não apenas não conseguiu incorporar votos novos, como perdeu posições conquistadas no primeiro turno: teve 37.526.847 votos, um pouco mais de 39% dos votantes<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup> No Senado, o PT passará a ter 11 parlamentares (contra 14, em 2002). Na Câmara, na legislatura anterior, o PT chegou a ter 91 parlamentares, mas este número havia caído para 81, depois de defecções causadas pelas sucessivas crises (morais e políticas), abertas a partir de 2005. Observe-se ainda que o PT foi o partido com mais votos nas recentes eleições para deputados: 13.989.859 votos contra 13.580.517 votos dados ao PMDB. Apesar disso, pelas distorções do sistema eleitoral brasileiro, o PMDB elegeu 6 deputados a mais do que o PT. Cf. dados do Tribunal Superior Eleitoral/TSE, in O Globo, 4/10/2006, p. 13

<sup>59</sup> Cf. O Globo, 30 de outubro de 2006, p. 21. Houve ainda 1.351.044 votos em branco (1,33%), 4.805.968 votos nulos (4,71%), e mais 18,99% de abstenções, totalizando 25,03% do eleitorado que não escolheu nenhum dos dois candidatos.

Enquanto Lula incorporava quase 12 milhões de eleitores a seu balaio de votos, Alkmin perdia um pouco mais de 2 milhões...<sup>60</sup>

Foram grandes trunfos de Lula a habilidade de articular alianças e de definir um perfil político mais claro – comprometido com as causas populares, com o atendimento das demandas materiais e simbólicas dos pobres das cidades e dos campos, com políticas políticas distributivas e atenuadoras das trágicas desigualdades que caracterizam a sociedade brasileira. Também lhe valeram a notória capacidade de comunicação – sobretudo com as camadas populares - e as qualidades, sempre enfatizadas por ele e pelo PT, de um líder que sabe negociar, aberto ao diálogo e à discrepância, construtor de consensos. Não se quer aqui discutir se estas qualidades são efetivas, mas o fato de que a imagem delas gravou-se na imaginação de grande parte do eleitorado.

Quanto a Alkmin, perdeu-se, mais uma vez, na retórica do moralismo, das cobranças contundentes e agressivas, e da falta de clareza de seus compromissos e propostas, o que o fez, inclusive, como se observou acima, perder votos e proporção no eleitorado.

Após o segundo turno, podia-se confirmar o que já se esboçara no primeiro: Lula e o PT sobreviveram ao poderoso cerco de aniquilamento que se estruturara contra eles. Em grande medida, esta sobrevivência parece assegurada, pelo menos a médio prazo. Assim, um pouco mais de 25 anos depois do lançamento da aventura petista, nada indica que Lula e o PT possam ser eliminados da cena política nacional, ao contrário, mais do que nunca parecem enraizados na sociedade brasileira. Com seus defeitos e suas virtudes, afiguram-se como produtos, componentes e fatores da república democrática que a sociedade brasileira está construindo desde fins dos anos 1970 do século passado.

Daniel Aarão Reis

8 de março de 2007

## **Bibliografia**

AARÃO REIS, Daniel. “O governo Lula: das utopias revolucionárias à política como arte do possível”. In Revista USP, São Paulo, março/abril/maio de 2005

---

<sup>60</sup> Observe-se que o percentual alcançado por Lula supera o de todos os presidentes eleitos por voto direto depois da ditadura militar, menos o seu próprio, de 2002, quando chegou a 63% (Collor teve 53% no segundo turno, em 1989; Fernando Henrique Cardoso teve 54,3% e 53% em 1994 e 1998, respectivamente – é verdade que suas vitórias foram alcançadas em primeiro turno). Cf. O Globo, 30 de outubro de 2006, p. 4

AZEVEDO, Clovis Buenoi. *Leninismo e social-democracia: uma investigação sobre o projeto político do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo, dissertação de mestrado FFLCH/Universidade de São Paulo, 1981.

AZEVEDO, Ricardo de e MAUÉS, Flamarion. *Rememória. Entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo, Fund. Perseu Abramo, 1997

BERBEL, M. R. *Partido dos Trabalhadores: tradição e ruptura na esquerda brasileira (1978-1980)*. São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH/Universidade de São Paulo, 1991.

BETTO, Frei. *Lula, biografia política de um operário*. Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

BITTAR, Jorge. (org.) “O modo petista de governar”. São Paulo, Teoria e Debate, 1992.

CARVALHO, Apolônio, e alii. *PT: um projeto para o Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

COUTINHO, Carlos Nelson. *A democracia como valor universal*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1984.

\_\_\_\_\_. *A dualidade de poderes e outros ensaios*. São Paulo, Ed. Cortez, 1994.

FURTADO, Olavo Henrique Pudenci. *Trajeto e perspectiva social-democratas: do modelo europeu para o PSDB e o PT no Brasil*. Campinas, dissertação de mestrado, IFCH/Universidade Estadual de Campinas, 1996.

GADOTTI, Moacir e PEREIRA, Otaviano. *Pra que PT – origem, projeto e consolidação do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo, Cortez, 1989

GENRO, Tarso e SOUZA, Ubiratan de. *Orçamento participativo: a experiência de Porto Alegre*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1997

GUIMARÃES, Juarez Rocha. *Claro enigma: o PT e a tradição socialista*. Campinas, dissertação de mestrado IFCH/Universidade Estadual de Campinas, 1990.

KECK, Margaret E. *PT, A lógica da diferença*. O partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira. São Paulo, Ática, 1991.

LOWY, M. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 2000.

MAGALHÃES, Inês; BARRETO, Luiz e TREVAS, Vicente (orgs.) *Governo e cidadania: balanço e reflexões sobre o modo petista de governar*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

MENEGUELLO, Raquel. *PT: A formação de um Partido – 1979/1982*. São Paulo, Paz e Terra, 1989.

MOREL, Mario. *Lula o Metalúrgico: anatomia de uma liderança*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

- PALOCCI, Antonio et alii. *Desafios do governo local: o modo petista de governar*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1996
- PARANÁ, Denise. *O filho do Brasil – de Luiz Inácio a Lula*. São Paulo, Xamã, 1996.
- PARTIDO DOS TRABALHADORES. *Resoluções de Encontros e Congressos*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. *Partidos, ideologias e composição social*. São Paulo, EDUSP, 2002.
- SADER, Emir (org.). *E agora PT: caráter e identidade*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A vingança da História*. Boitempo Editorial, São Paulo, 2003.
- SILVA, Luis Inácio da. *Lula. Entrevistas e Discursos*. São Paulo, ABCD, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Lula sem Censura*. Vozes, Rio de Janeiro, 1981.
- SINGER, André (org.). *Sem medo de ser feliz*. Scritta, São Paulo, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O PT*. São Paulo, Publifolha, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Um governo de esquerda para todos*. São Paulo, Brasiliense, 1996.
- SOUZA, Marco Antônio de. *Da esquerda revolucionária pré-64 ao PT: continuidades e rupturas*. São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH/Universidade de São Paulo, 1995.
- VOIGT, Leo. *A formação do PT: esboço de reconstrução histórica*. Porto Alegre, dissertação de mestrado, Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.